

CORREIO NO MUNDO

Joyce N. Boghosian/ Casa Branca



Violação do cessar-fogo pode ter retaliação iraniana

EUA violam cessar-fogo de novo e enfurecem o Irã

O Irã afirmou que os Estados Unidos violaram o cessar-fogo após realizarem o que chamaram de ataques defensivos no sul do país. A Guarda Revolucionária do país, em paralelo, afirmou na terça (26) que se reserva o direito de retaliar. O Ministério das Relações Exteriores do Irã declarou que os ataques americanos na província de Hormozgan, no sul do país, representaram uma “violação flagrante” do frágil cessar-fogo em vigor há quase sete semanas. Ambos os lados indicaram progresso nas negociações em um memorando que poderia interromper a guerra e restabelecer a navegação pelo estreito de Hormuz, atualmente bloqueado, além de conceder aos negociadores 60 dias para questões mais complexas, incluindo o programa nuclear iraniano.

Negociação pode “levar alguns dias”

O secretário de Estado americano, Marco Rubio, sinalizou que negociar a interrupção do conflito pode “levar alguns dias”. Após os ataques contra alvos que incluíam locais de lançamento de mísseis, Rubio disse a jornalistas que Hormuz precisa ser aberto “de um jeito ou de outro”. Apesar da trégua, o Comando Central dos EUA afirmou na segunda ter realizado novos ataques pra “proteger as tropas das ameaças representadas pelas forças iranianas”.

Rede de Notícias da República Islâmica do Irã (IRINN)



Mojtaba Khamenei, líder supremo do Irã, se manifestou

Direito iraniano à retaliação

A Guarda Revolucionária do Irã, que defendeu seu direito à retaliação, afirmou ainda que unidades de defesa aérea abateram um drone americano e dispararam contra outro drone e um caça que teria entrado no espaço aéreo iraniano sobre a região do Golfo.

Em comentários publicados por meio de seu canal no Telegram, o líder supremo do Irã, Mojtaba Khamenei, afirmou que “o relógio não pode ser retrocedido, e as nações e terras da região não serão mais um escudo para bases americanas.”

Mojtaba Khamenei se manifesta

“De agora em diante, os slogans ‘Morte à América’ e ‘Morte a Israel’ serão os slogans da nação islâmica e dos povos oprimidos do mundo, especialmente os jovens”, acrescentou. O presidente dos EUA, Donald Trump, já havia citado esses slogans ao justificar ações militares contra o Irã. O americano afirmou que as negociações com o Irã estavam indo “bem” em uma longa publicação no Truth Social.

Alerta de Trump

Trump, porém, alertou para novos ataques caso fracassassem. “Só haverá um Grande Acordo para todos, ou nenhum acordo”, escreveu ele. Trump também pediu que outros Estados de maioria muçulmana, incluindo Arábia Saudita, Qatar, Paquistão, Turquia, Egito e Jordânia aderissem aos Acordos de Abraão.

Acordos de Abraão

Os Acordos foram negociados durante seu primeiro mandato e que visam normalizar as relações entre esses Estados e Israel.

A posição de longa data da Arábia Saudita é de que não assinará os acordos a menos que haja um consenso sobre um roteiro para a criação de um Estado palestino.

Netanyahu

Em mais um indício das tensões na região, Binyamin Netanyahu afirmou na segunda que Israel intensificará os ataques contra o Hezbollah, no Líbano. Nesta terça, as Forças Armadas israelenses emitiram alertas de retirada para os moradores de Nabatieh, no sul do território libanês, indicando possíveis ataques aéreos.

Líbano

Israel e Líbano concordaram com um cessar-fogo em meados de abril, mas Israel continuou os ataques aéreos, afirmando serem atos de autodefesa contra o Hezbollah, que não era signatário do acordo. O assunto ainda parece muito longe de ter um desfecho, mas as negociações seguem acontecendo.

Por Folhapress

Trump x UCLA I

O Departamento de Justiça dos EUA entrou com uma ação judicial contra a Universidade da Califórnia em Los Angeles, afirmando que a instituição tolerou um “ambiente educacional hostil para estudantes judeus e israelenses”. É o segundo processo do governo Trump contra a universidade sob acusação de discriminação.

Trump x UCLA II

Em sua queixa, o governo acusou a UCLA de violar uma lei federal que proíbe discriminação por raça, cor ou origem nacional em qualquer programa ou atividade que receba assistência financeira federal — “por meio de sua indiferença deliberada a esse antissemitismo generalizado no campus”. Por Folhapress



Magyar quer desfazer impasses deixados por Viktor Orbán

Hungria quer liberar 10 bilhões de euros com UE

Magyar se encontra na quinta-feira (28) com Von der Leyen

José Herique Mariante (Folhapress)

Péter Magyar tenta desatar nesta semana o primeiro grande nó internacional deixado pelo antecessor, Viktor Orbán. O novo primeiro-ministro da Hungria desembarca na quinta-feira (28) em Bruxelas para encontro com Ursula von der Leyen, presidente da Comissão Europeia. Ele espera sair com a liberação de € 10,4 bilhões (R\$ 60 bilhões), mas há empecilhos.

A Hungria tem cerca de € 20 bilhões congelados em fundos que a União Europeia não liberou para a administração do autocrata. Foi a maneira que o bloco encontrou para lidar com os arroubos autoritários de Orbán, como a manipulação do Poder Judiciário e o enfraquecimento da imprensa livre no país.

O montante em discussão nesta semana se refere, por exemplo, a um fundo de recuperação pós-pandemia. São € 6,5 bilhões em subvenções e € 3,9 bilhões em empréstimos a juros módicos, retidos pela obstrução do Estado de direito promovida pelo ícone da direita global. Tais retenções, porém, não foram meras retaliações, mas movimentos alicerçados na legislação europeia, daí a dificuldade para uma liberação instantânea.

“Existem algumas questões controversas e debatidas, mas concordamos com a presidente da Comissão que esse dinheiro

deve ficar na Hungria”, declarou Magyar, na semana passada, após encontro dos negociadores húngaros com a equipe de Von der Leyen.

O primeiro-ministro, que bateu Orbán em abril com uma surpreendente larga margem de votos, tem maioria constitucional no Parlamento para fazer as reformas, mas pouco tempo para a manobra, pois o fundo vence em agosto. Há processos e prazos a serem superados, como a exigência de consultas públicas em determinados temas.

“Estamos progredindo bem”, afirmou o político conservador, em entrevista para uma emissora de TV, no sábado (23). Ainda que lacônica, a frase foi recebida na Hungria como sinal de que o entendimento com a Comissão Europeia havia avançado. Segundo a imprensa do país, o premiê teria se comprometido a alcançar marcos importantes, inclusive a revisão do Judiciário, aparelhado por Orbán.

Esse é um dos empecilhos que Magyar terá que esgrimir se alcançar o acordo com Bruxelas. Ainda que haja celeridade no Legislativo, boa parte das cortes húngaras está ocupada por juízes próximos a Orbán. Para observadores, não é pequena a chance de algum ponto das reformas ser contestado na Justiça, criando novos prazos para um governo já pressionado. Diante disso, o premiê tem repetido em suas manifestações o tamanho da crise que a Hungria vive hoje.